

Editorial

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS DIANTE DA MORTE ENCEFÁLICA: A IMPORTÂNCIA DESTE ATO SOLIDÁRIO

A doação de órgãos e tecidos de uma pessoa falecida é vista pela sociedade de modo geral, como um gesto de solidariedade e amor por parte dos familiares que optam pela doação. O ato torna-se ainda mais plausível sabendo que a tomada de decisão acontece num momento de extrema dor e angústia pelo impacto da notícia da morte, pelo sentimento de perda e, na maioria das vezes, pela interrupção inesperada da vida.

No Brasil, a doação de múltiplos órgãos e tecidos de apenas um doador permite beneficiar, e em casos mais críticos, salvar a vida de até 10 pessoas. Essas pessoas aguardam o transplante inscritas numa fila de espera conhecida como lista única. Essa lista é organizada a partir de diversos critérios médicos pelas Centrais Estaduais de Transplantes juntamente com o Sistema Nacional de Transplantes. Atualmente, existem milhares de pacientes, das mais variadas idades, à espera de um órgão. Sabendo disso, por que ainda existem pessoas que recusam a doação de órgãos? Bem, a resposta não é apenas uma e não se resume a algo simples.

Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos 20 anos levantam diversos fatores que influenciam a não doação de órgãos. Dentre eles, destacam-se a não compreensão por parte da família do diagnóstico de morte encefálica, o desejo do paciente manifesto em vida de não ser um doador e a crença religiosa.

Ainda pouco claro para a grande parcela da população, o conceito de morte encefálica (ME) quando não bem compreendido, faz os familiares de potenciais doadores sentirem-se inseguros, apreensivos e indecisos no instante da tomada de decisão sobre a doação de órgãos. Segundo Resolução de 2017, do Conselho Federal de Medicina, a morte encefálica

ocorre quando é confirmada a “perda completa e irreversível das funções encefálicas, definida pela cessação das atividades corticais e de tronco encefálico”, caracterizando, portanto, a morte da pessoa.

A constatação da ME ocorre por meio de um protocolo médico específico e rigoroso, e deve ser comunicado à família desde seu início. A confirmação da ME possibilita a doação de múltiplos órgãos e tecidos, e consiste no primeiro passo para levar esperança a milhares de pessoas doentes à espera de um transplante de órgão.

A manifestação do paciente ainda em vida de não doar os órgãos, geralmente é verbalizada pelos familiares no momento da entrevista para doação. Mesmo sendo a família responsável por tal decisão, pesquisadores analisam que as famílias consideram importante acatar o desejo do ente querido, ainda que para algumas pessoas a vontade do paciente, depois de morto, não tenha importância e soe como egoísta a recusa à doação.

Em relação às recusas ligadas às crenças religiosas, vale lembrar que no Brasil, nunca nenhuma religião posicionou-se contrária à doação de órgãos e tecidos. O que ocorre algumas vezes, é que as famílias entrevistadas realizam interpretações pessoais sobre os livros doutrinários e adotam postura desfavorável à doação. Quando o líder religioso se pronuncia favorável ao ato de doar órgãos, seus seguidores apresentam uma tendência maior para realizar a doação. Além disso, as religiões mais comuns em nosso país, classificam a doação de órgãos como um ato de generosidade.

A permissão para se retirar órgãos de uma pessoa amada e doá-los a outra cuja identidade não se conhece, é em si próprio um ato de amor e solidariedade, pois se

configura em um gesto voluntário num momento de luto e sofrimento. É comum em discursos de pacientes já transplantados estarem presentes o sentimento de gratidão e a sensação de ter renascido, além da admiração pelo ato de generosidade para com quem necessita de um órgão.

Apesar de todo o processo para doação e transplantes de órgãos, hora ou outra, com a ajuda dos veículos de comunicação, parecer quase poético, ainda é angustiante a realidade de quem aguarda na fila por um transplante.

Segundo a Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, em 2019, houve um aumento das doações e transplantes se comparado ao ano de 2018. Os resultados alimentam as esperanças de poder retomar o crescimento projetado pela associação nos próximos anos.

No Brasil, até setembro de 2019, o número de pacientes ativos em lista de espera para receber algum órgão, como coração, rim, fígado, córnea, entre outros, era de 36.468, dentre estes, 744 são crianças. No Mato Grosso do Sul, havia um total de 289 pessoas, das quais 104 e 185 aguardavam por rim e córnea, respectivamente.

A parte mais triste destes dados estatísticos é que entre os meses de janeiro e setembro do ano anterior, 1.663 pessoas morreram no Brasil à espera de um transplante. Dentre essas, 50 eram crianças.

É por causa das estatísticas e do sofrimento humano de quem aguarda ansioso à espera de um transplante, que o gesto da doação de órgãos é tão importante, nobre e solidária. Doa-se uma parte de quem ama, para alguém que sequer sabe quem é. Um gesto único e heroico, capaz de realmente salvar vidas.

Larissa Beatriz Andreatta
Psicóloga Hospitalar do Hospital
Universitário da Grande Dourados, membro
da Comissão Intra-hospitalar de Doação de
Órgãos e Tecidos para Transplantes
(CIHDOTT).
larissa.andreatta@ebserh.gov.br